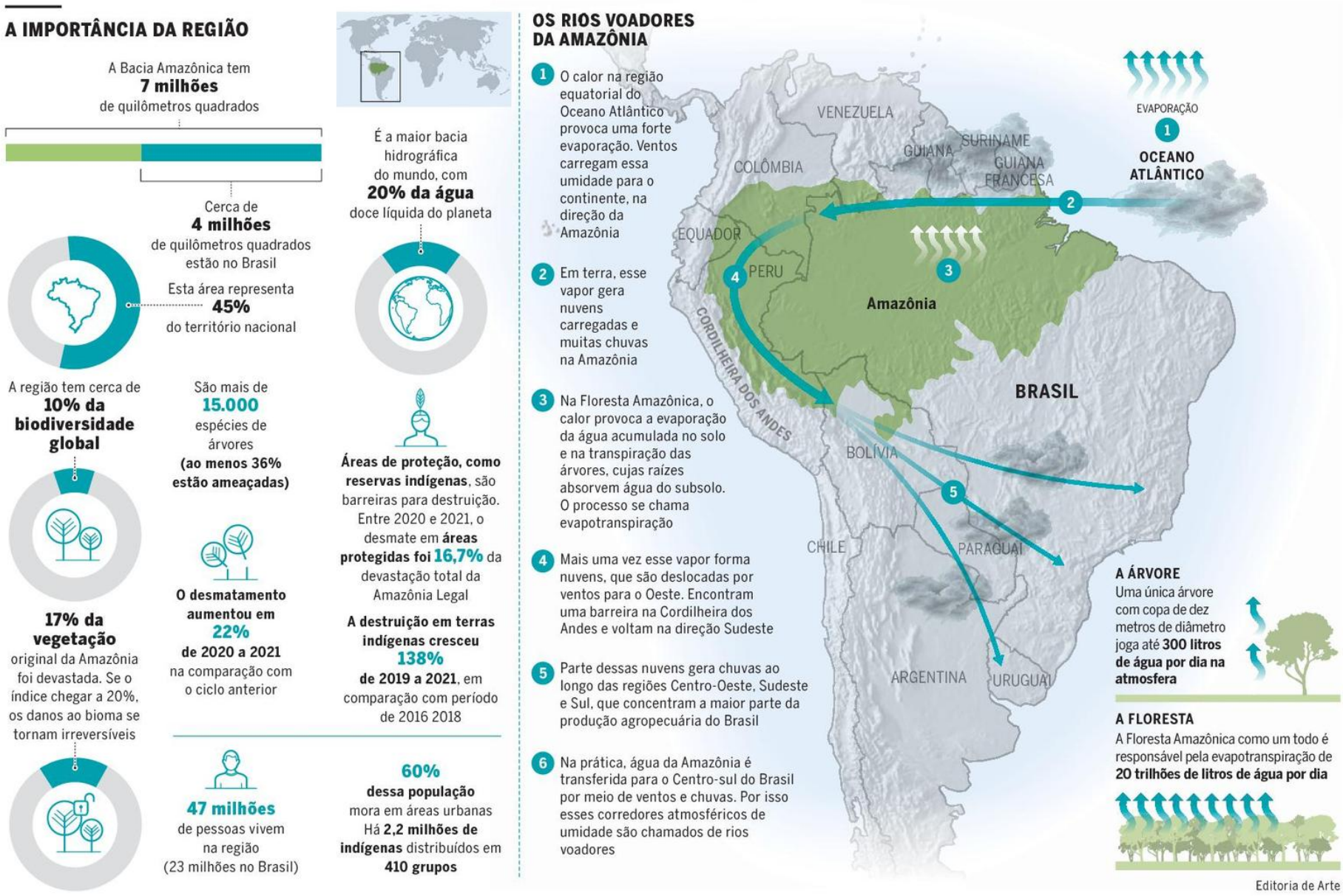
OLHAR INTELIGENTE PARA A FLORESTA

Do mundo indígena ao agronegócio, representantes de segmentos distintos defendem mudança da histórica postura 'predatória' da sociedade ocidental na região para era de valorização ambiental e dos povos locais



Editoria de Arte

WILLIAM HELAL FILHO
william@oglobo.com.br

Em seu livro "A queda do céu" (Companhia das Letras), escrito em parceria com o antropólogo canadense Bruce Albert, o xamã Davi Kopenawa Yanomami se refere à sociedade ocidental com expressões como "povo da mercadoria" e "comedores de terra". O contato do líder indígena com "os brancos" se deu por meio de gente que levou doenças ao território de sua etnia no Norte do Brasil, "rasgou o chão" da floresta para construir estradas, "cortou árvores para plantar capim" e revirou a terra e envenenou os rios em busca de algo que os yanomami não conheciam: "oru".

— É essa a lógica que tem que mudar. Nossa sociedade levou à Amazônia uma postura predatória, destruindo a floresta e massacrando povos originários. O desequilíbrio climático nacional que vemos é o resultado — afirma o ativista Márcio Santilli, fundador do Instituto SocioAmbiental (ISA) e ex-presidente da Funai. — É urgente frear o desmatamento, mas, a longo prazo, precisamos desenvolver projetos econômicos que não agridam o bioma e respeitem o modo de vida indígena.

Chamada de "inferno verde" até o começo do século passado, a Amazônia era vista pelo Sul do país como uma área inóspita a ser desbravada em busca de riquezas como borracha, minério e madeira nobre. Segundo o jornalista e escritor manauara Márcio Souza, autor de "História da Amazônia" (Record), desde a adesão forçada da Província do Grão-Pará ao Brasil, nas Guerras da Independência, em 1823, o Norte se tornou "colônia de exploração" dos estados ao Sul.

— Foi como se o Sul atrasado e escravagista tivesse vencido o Norte industrializado na Guerra de Secessão, nos Estados Unidos. A Amazônia se tornou alvo desse tipo de política burra de derrubar floresta para produzir carne e soja — critica o pesquisador, que foi presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte) nos anos 1990 e do Conselho Municipal de Política Cultural de Manaus, a partir de 2013.

Para Souza, falta investimento em pesquisa voltada para a indústria médica e farmacêutica, por exemplo.

— A Amazônia tem uma infinidade de plantas com propriedades médicas, como o curare, que causou revolução ao ser usado na anestesia. Os indígenas têm muito a ensinar sobre isso. Mas, em vez de aprender com os povos que vivem aqui há milênios, nós os massacramos — observa o escritor. — O investimento na ciência proporcionaria uma grande receita que se autorreproduz. Mas os centros de excelência em pesquisa da região estão definhando sem verba.

AGRO DEFENDE FLORESTA

Para ambientalistas, a visão "colonizadora" da Amazônia como reservatório de terra para pasto e monocultura é um tiro no pé. Cresce, no próprio agronegócio, a certeza embasada pela ciência de que a produção alimentícia precisa da floresta viva. Um dos principais serviços sistêmicos prestados pelo bioma no Norte são os "rios voadores", que levam chuvas para as lavouras no Centro-Sul do país.

— O agronegócio depende do equilíbrio promovido pela Amazônia — afirma o biólogo Roberto Waack, membro do conselho da Marfrig, uma das maiores fabricantes de carne bovina do Brasil. — É preciso acionar os mecanismos de comando e controle para frear o desmatamento criminoso e defender as reservas indígenas, que são as áreas mais preservadas. O país não precisa desmatar para aumentar a produção. Basta usar a tecnologia que já dominamos.

Em 1993, quando chegou a Rondônia, como padre, para atender migrantes vindos de todas as partes do Brasil, mas, principalmente, do Paraná, atrás de terras, o catalão Josep Iborra ficou impressionado com a sequência de conflitos agrários motivados por invasões de áreas de comunidades tradicionais. Muitas tensões envolvem grandes empreendimentos em terras ocupadas por ribeirinhos e indígenas.

— Essas invasões se intensificaram muito no atual governo federal, pela falta de fiscalização e de combate ao desmatamento — conta Iborra, agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT). — É como matar a galinha dos ovos de ouro.

Para defender os territórios e seu modo de vida, elementos indissociáveis, os indígenas se organizam em torno de denúncias e campanhas nas redes sociais e na rua. Mas pedem engajamento de toda a sociedade.

— É uma pauta global. Somos os povos detentores do conhecimento sobre a preservação e o amor pela Amazônia, porque a temos como mãe, mas essa preocupação precisa partir dos não indígenas também — pondera Txai Suruí, a ativista do povo Suruí, de Rondônia, que discursou na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (COP26), na Escócia. — Temos que trabalhar a educação nas escolas, ensinar a verdadeira História do Brasil a partir do nosso olhar também. Apresentar a problemática ambiental para as crianças. Consigo ver uma nova perspectiva ambiental se mudarmos o governo e passarmos a seguir os acordos ambientais.

Queimadas. 'É preciso acionar medidas para frear o desmatamento criminoso e defender as reservas indígenas', diz executivo do agronegócio

ARQUIVO/GREENPEACE